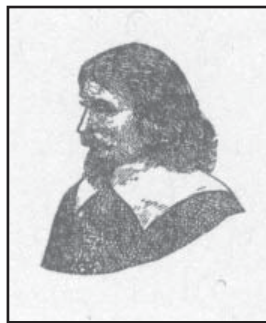


*Visões do Céu e
do Inferno*



Visões do Céu e do Inferno

por
John Bunyan

Tradução
Charles David Becker

Literatura Monte Sião
Caixa Postal 241
18550-970 Boituva – SP

Fone: 015-3264-1402

www.lmsdobrasil.com.br

e-mail: info@lmsdobrasil.com.br

2009

Visões do Céu e do Inferno

foi publicado originalmente no inglês sob
o título *Visions of Heaven and Hell*
por John Bunyan
e traduzido para o português pela
Publicadora Menonita
C.P. 105
75901-970 Rio Verde – GO

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
Nenhuma parte desta edição pode ser
utilizada ou reproduzida em qualquer
meio ou forma – seja mecânico, ele-
trônico ou mediante fotocópia, grava-
ção, etc. – nem apropriada ou estocada
em sistema de banco de dados, sem a
expressa autorização da Publicadora
Menonita.

Esta edição de *Visões do Céu e do Inferno*
foi publicada pela
Literatura Monte Sião
com autorização expressa da
Publicadora Menonita

Índice

	Resumo da vida do autor	7
Cap. I	Planejando o suicídio	13
Cap. II	Além do sol e das estrelas	17
Cap. III	Elias explica	23
Cap. IV	A felicidade do céu	27
Cap. V	Nós nos conheceremos	35
Cap. VI	Conduzido ao inferno	39
Cap. VII	As torturas do inferno	45
Cap. VIII	Uma alma perdida fala	49
Cap. IX	Mais conversações com almas perdidas	53
Cap. X	Um ateu no inferno	59
Cap. XI	Fogo e trevas	63

Resumo da vida do autor

John Bunyan, o autor, nasceu em Elstow, perto de Bedford, na Inglaterra, no ano de 1628. Seu pai, Thomas Bunyan, consertava tachos e panelas. John aprendeu a mesma profissão. Conhecemos muito pouco da sua mãe, que se chamava Margaret Bentley.

A família Bunyan, que durante séculos morou na Inglaterra, era relativamente rica, mas na época do nascimento de John, perdeu quase todas as suas propriedades, tornando-se pobre. John estudou na escola de sua aldeia, onde aprendeu a ler, escrever e fazer cálculos.

Mais ou menos aos dez anos de idade, John parou de estudar para poder aprender a profissão de seu pai. Ele nunca chegou a ganhar muito dinheiro e aos dezessete anos de idade, com a Guerra Civil em andamento, ingressou no exército, provavelmente no Exército Parlamentário.

Bunyan se julgava um homem dos piores. No entanto, seus pecados “graves” parecem resumir-se em quatro delitos: 1) Aos domingos à tarde ele gostava de participar de uma brincadeira chamada “derruba-gato”, na qual uma pessoa era escolhida dentre um grupo de jovens,

Visões do Céu e do Inferno

para em seguida todos tentarem derrubá-lo. 2) Ele gostava de dançar. 3) Ele gostava de tocar os sinos da igreja paroquial [provavelmente fora de horário]. 4) Ele leu um livro intitulado *A História de Sir Bevis de Southampton* [uma obra de ficção]. Talvez mais sério do que tudo isso foi o hábito que adquiriu de usar palavrão. No entanto, seus amigos e conhecidos o tinham como um jovem comportado e piedoso.

Ele se casou com mais ou menos vinte anos de idade. Sua esposa era membro da igreja anabatista, uma mulher muito virtuosa. Sem dúvida foi a influência positiva dela que o levou a uma profunda convicção religiosa. Ele abandonou todos os seus maus caminhos, deixando de brincar de derruba-gato, de dançar, de tocar os sinos, da leitura de obras de ficção e de usar palavrão.

Durante um período de dois ou três anos ele passou por severas tentações, chegando a padecer de distúrbios mentais. Suas noites estavam repletas de visões e sonhos. Constantemente ele orava, mas passou-se muito tempo antes de sentir-se em paz. Em 1653 ele tornou-se membro da igreja em Bedford, mas não tinha certeza da sua redenção até mais ou menos no ano 1655.

Seus amigos começaram a animá-lo a pregar a Palavra e logo tornou-se um dos pregadores mais populares na Inglaterra. Ao mesmo tempo ele começou a escrever, sempre tendo em mente a classe mais pobre. Ele falava e escrevia sua linguagem, sendo este um dos motivos por que “a grande multidão o ouvia com prazer”.

Não demorou e os pastores da Igreja da Inglaterra foram informados de suas pregações e ficaram ofendidos ao saberem que ele os criticava pela maneira como viviam.

No dia 12 de novembro de 1660, pouco depois que Charles II tornou-se rei, Bunyan foi preso e encarcerado na cadeia municipal em Bedford, onde permaneceu, salvo por pequenos períodos de liberdade, durante doze anos.

Resumo da vida do autor

Ele foi acusado de dois crimes, a saber: de pregar o evangelho e de não frequentar a igreja paroquial. Em sua sentença condenatória, o juiz disse:

– John Bunyan, da cidade de Bedford, operário, tem, com intenções diabólicas e perniciosas, se abstido de ir à igreja e de estar presente no culto divino; ele tem conduzido diversas reuniões ilícitas, através das quais perturbou e desviou os bons súditos deste reino, assim contrariando as leis de nosso senhor soberano, o rei.

Sem sequer se dar ao trabalho de ouvir qualquer testemunha. Em seguida o juiz Keeling dirigiu-se ao réu:

– Ouça a sentença: Você voltará à prisão, onde permanecerá durante os três meses seguintes. Ao findar os três meses, se você não consentir em ir à igreja para ouvir o culto divino, e se não deixar de pregar, será banido do reino. Se não voltar com uma licença especial do rei, será pendurado pelo pescoço. Isso eu lhe digo com toda clareza. Carcereiro, retire-o.

Bunyan respondeu:

– Se eu saísse da prisão hoje, amanhã estaria pregando novamente, com a ajuda de Deus.

Naqueles tempos, os presos tinham que trabalhar para se sustentarem. Sendo que Bunyan não podia exercer sua profissão de consertador de tachos e panelas, teve que aprender a fazer renda, que um vendedor ambulante vendia para ele na rua. Ele também dava aulas de religião para os presos e continuava escrevendo. Ele tinha quatro crianças, sendo uma delas uma menina cega. Sua primeira esposa morreria e ele se casara novamente um pouco antes de ser preso.

Estar separado de sua família doía muito em Bunyan; ele se preocupava especialmente com a filha cega, para quem tinha um carinho especial. Ele escreveu:

– Pobre menina, como fico condoído com a sua porção na vida. Você é obrigada a apanhar, a mendigar, a passar fome, frio, falta de roupa e mais mil calamidades. Tudo

Visões do Céu e do Inferno

isso que você sofre ameaça despedaçar o meu coração.

No entanto, ele permaneceu fiel. Comentando seu julgamento, disse:

– Quando eu saí das portas do tribunal, senti muita vontade de anunciar que sentia a paz de Deus em meu coração e por isso bendizia o nome do Senhor. Saí para a prisão com o consolo de Deus em minha alma!

O caso de Bunyan incomodava os juízes. Eles o chamavam repetidamente, pois tinham medo de exilá-lo ou enforcá-lo. Ele não prometia parar de pregar, de maneira que sempre mandavam-no de volta para a prisão. Seus amigos intercediam em seu favor junto às autoridades, mas estas não se comoviam. Sua esposa, uma mulher jovem e refinada, foi a Londres e apresentou uma petição à Câmara dos Lordes, pleiteando a sua liberdade. Os argumentos que apresentou foram de alto nível, mas de nada adiantou. O juiz Twisden perguntou:

– Seu marido pretende parar de pregar? Caso pretenda, pode trazê-lo para cá.

Ela respondeu:

– Meu senhor, enquanto ele conseguir falar, não parará de pregar.

Em outra ocasião Bunyan disse:

– Tenho resolvido, enquanto o Todo-poderoso for meu auxílio e escudo, a sofrer por sua causa, mesmo que envelheça até criar musgo nas minhas sobancelhas, em vez de abandonar a minha fé ou meus princípios.

Passar doze anos na prisão sem a mínima culpa parece ser uma injustiça terrível. No entanto, foi durante aqueles anos que Bunyan teve tempo para meditar e escrever, e assim se preparar para sua obra mestra. Durante o dia, sua filha cega costumava ficar ao seu lado. Durante as longas noites ele meditava e escrevia. A prisão era um lugar detestável, mas o carcereiro tratava os presos com dignidade, permitindo que de quando em quando Bunyan

Resumo da vida do autor

visitasse sua família. Numa destas ocasiões, o sacerdote de uma diocese vizinha ficou sabendo da sua ausência e mandou um emissário à prisão para conseguir provas que incriminassem o carcereiro. Enquanto isso, em casa, Bunyan começou a sentir uma grande inquietação e por isso resolveu voltar à prisão mais cedo. Quando o emissário do sacerdote perguntou se faltava algum preso, o carcereiro lhe disse que todos estavam presentes.

O emissário tornou a perguntar-lhe:

– John Bunyan está aqui?

Novamente o carcereiro respondeu que sim e para não haver dúvida alguma, mandou chamar o preso.

Depois deste incidente, o carcereiro disse a Bunyan:

– Você pode sair quando quiser, pois já vi que sabe muito mais do que eu quando deve voltar.

Bunyan foi liberado no dia 13 de setembro de 1672, quando se tornou o pastor da Igreja Bedford, mas era chamado para pregar a Palavra de Deus em todo o Reino Unido.

Em 1675 novamente passou uns poucos meses na prisão, desta vez provavelmente na prisão velha sobre a ponte de Bedford. Acredita-se que foi aqui que começou a escrever sua obra imortal *O Peregrino*. Ele terminou a primeira parte logo depois de sair da prisão; publicada em 1678, foi um sucesso imediato. A segunda edição saiu no mesmo ano. A segunda parte foi publicada em 1684. Foram impressas onze edições durante a vida do autor.

No verão de 1688, Bunyan foi a Reading para tentar acalmar um pai irado. Em sua volta, foi apanhado numa tempestade que o deixou tão resfriado que dentro de poucos dias faleceu.

Capítulo I

Planejando o suicídio

Quando os homens se aprofundam no pecado, começam a temer os juízos de Deus. De início apenas desejam que Deus não existisse, pois temem o castigo divino, mas gradativamente se convencem que de fato não existe. Para se tranquilizarem, arrumam muitos argumentos para defenderem suas ideias enganosas.

Eu tive a infelicidade de conhecer um homem desses que não parava de me falar que Deus, o diabo e o inferno não existem. Nas primeiras vezes que ele tocava neste assunto, fiquei horrorizado e me afastava dele o mais rápido possível. Mas com o passar do tempo, a sua insistência começou a me deixar confuso, o que me deixou em trevas tão grandes que cheguei ao desespero. As verdades que antes aceitava sem nenhuma dúvida, agora me atormentavam. Horrorizado, eu vi que para mim a existência de Deus não era mais uma coisa certa. Eu ainda queria ir para o céu, mas tinha dúvidas se este lugar realmente existia. Junto com isso vieram as dúvidas se o inferno de

Visões do Céu e do Inferno

fato existia, apesar de ver em minha mente as labaredas eternas. É fácil imaginar a confusão que sentia.

Perplexo, resolvi procurar meu falso amigo para ver que consolo ele poderia me dar. Ele riu dos meus temores e se mostrou decepcionado com as minhas fraquezas. Vi nele o que parecia ser uma grande liberdade, pois não estava preso às coisas que me prendiam. Ele me afirmou que pensamentos do futuro ou de um possível juízo não o atormentavam como acontecia comigo. Segundo ele, era a própria natureza que sustentava a vida e por isso procurava viver em paz com ela.

Tudo isso me deixou mais confuso ainda. Cheguei ao ponto de sentir que a própria vida era um fardo. Eu detestava esta crença maldita, mas ela não parava de infiltrar na minha mente. Desejava mil vezes nunca ter ouvido falar desta ideia que agora me mantinha escravo. Eu me perguntava se a esperança que havia tido antes era apenas uma ilusão. Eu havia servido a Deus inutilmente? Ou melhor, eu havia tentado servir a alguém que nem sequer existia? É impossível contar toda a agonia que eu sentia no meu coração. Basta dizer que no meu desespero comecei a questionar se valia a pena viver. Não seria melhor colocar um ponto final em todo este sofrimento e indecisão?

Baseado em tudo isso, resolvi me destruir e um dia cedo fui a uma mata perto de casa onde pretendia perpetrar este ato sangrento. Neste instante eu ouvi uma voz dizer:

– Ó Epenetus, não mergulhe no sofrimento eterno para agradar ao pior inimigo de sua alma. O golpe que você está pronto para dar em seu próprio peito selará a sua condenação eterna. Se Deus existe, e com certeza existe, como você pode esperar a sua misericórdia se destruir a imagem dele?

Não sabia de onde vinha esta voz, mas acreditei que fosse de Deus. Foi uma coisa tão poderosa que joguei longe o instrumento da minha própria morte que segurava

Planejando o suicídio

em minha mão. Quando eu me dei conta do que quase acabara de fazer, meu corpo todo começou a estremecer e mal consegui me manter em pé. Eu tinha certeza de que fui resgatado da morte por um Poder invisível e por isso me senti obrigado a ajoelhar-me e agradecê-lo.

Eu me ajoelhei e disse:

– Ó grande Poder, invisível aos homens, mas que contemplas todos os seus feitos, quero te agradecer porque não permitiste que eu desfigurasse a tua imagem. Sim, ó Ser soberano, te agradeço porque ainda estou vivo e capaz de reconhecer a tua grandeza. Oh! permita que o Sol da Glória me ilumine e enxote as trevas da minha alma, para que nunca mais eu duvide da tua existência e onipotência, a qual eu acabei de experimentar.

Então, levantando-me fui e me sentei no barranco de um rio. Do fundo da minha alma estava adorando Àquele que acabara de me salvar do abismo da ruína eterna, na qual estava prestes a cair. Não conseguia compreender como havia caído ao ponto de duvidar da existência do Ser Eterno, do qual todas as criaturas são testemunhas e a quem a própria consciência do homem aponta como o Criador.

Enquanto estava sentado aqui, de repente me vi envolto numa luz gloriosa, numa luz mais forte do que o sol, que me deixou atônito. Enquanto tentava descobrir a origem desta luz, vi no meio de seus raios um vulto glorioso, parecido com um homem. Percebi que os raios o seguiam. Não consigo descrever seu rosto, que era uma mistura de severidade e doçura. Apesar de estar tremendo de susto, senti esperança de que não viesse como inimigo. Eu tentei me levantar, mas a luz era tão forte que acabei caindo para trás, ficando estendido de costas.

Foi assim que este ser luminoso me encontrou. Estendendo a mão, ele pegou na minha e me levantou. Eu lhe disse:

– Ó libertador luminoso, tens fortalecido meu corpo

Visões do Céu e do Inferno

fraco e me restaurado para uma vida nova. Como mostrarei a minha gratidão? Como devo adorá-lo?

Com voz majestosa e mansa ele me respondeu:

– Adore ao autor da sua vida e não a mim, que também fui criado. Fui enviado por Aquele a quem você tem negado ultimamente, para salvá-lo dos seus maus desígnios, de se jogar na ruína eterna.

Estas palavras me tocaram profundamente e vi o quanto eu era indigno. Minha alma derreteu dentro de mim e exclamei:

– Sou totalmente indigno desta graça e misericórdia!

O mensageiro celestial me respondeu:

– A Majestade divina não vê indignidade ao ministrar sua misericórdia, mas apenas seu próprio amor e misericórdia. Ele viu o quanto o grande inimigo das almas desejava a sua destruição e permitiu que estendesse a mão, mas veja bem que você nunca estava só, e quando Satanás tinha certeza que a vitória era dele, você escapou da sua armadilha.

Capítulo II

Além do sol e das estrelas

O visitante celestial me olhou com ternura e disse: – Para que você nunca mais duvide da existência das coisas eternas, eu vim para convencê-lo de que são verdadeiras. Você crerá não apenas pela fé, mas também pela vista, pois vou lhe mostrar coisas que são vedadas aos olhos mortais. Para isso ser possível, fortalecerei seus olhos naturais para poderem enxergar o mundo espiritual.

Estas palavras do anjo me surpreenderam muito e duvidei da minha capacidade de ver tais coisas. Eu lhe disse:

– Meu senhor, será que eu aguento isso?

O anjo me respondeu:

– A alegria do Senhor é a vossa força.

Nisso ele pegou em minha mão e disse:

– Não precisa ter medo. Vou lhe mostrar coisas que nunca viu antes.

Neste mesmo instante percebi que já estava nas alturas, muito longe da terra, que parecia ser apenas um

Visões do Céu e do Inferno

pontinho em comparação com a faixa de luz que me envolvia.

Então perguntei ao meu condutor luminoso:

– Meu senhor, seria possível eu fazer uma pergunta ou duas?

Ele me respondeu:

– Pode falar. Será um prazer responder às suas perguntas, pois fui enviado para ministrar às suas necessidades.

Eu lhe disse:

– Gostaria de saber mais sobre aquele pontinho lá longe que vai ficando cada vez menor, e cada vez mais escuro, à medida que vamos subindo e vou entrando na região da luz.

Meu condutor respondeu:

– Aquele pontinho tão pequeno e escuro é o mundo do qual você saiu há poucos momentos. Agora pense bem em como os homens quase se matam de trabalhar para adquirir apenas um pedacinho diminuto dele. Sim, muitos e muitos já deram sua alma em troca de um pedacinho de terra naquele pontinho que está vendo. Que troca mais miserável, já que o Príncipe da Paz nos informa que mesmo que um homem conseguisse chegar a ser dono do mundo todo, sua alma valeria mais ainda. Os homens fazem isso porque se recusam a olhar para as coisas que vêm de cima. Entre mais que você subir, mais desprezível este mundo lhe parecerá. A mesma coisa acontece com os homens na terra que conseguem em fé levantar seus olhos para as coisas celestiais. Se os filhos dos homens pudessem ver o mundo, do jeito que ele é, não o cobiçariam mais. Mas estão nas trevas, e pior, amam as trevas, e por isso continuam nelas. O Príncipe da Luz desceu e andou entre os homens, mostrou-lhes claramente a verdadeira luz, mas mesmo assim amam as trevas mais do que a luz, e isso porque suas obras são más.

Além do sol e das estrelas

Eu lhe fiz outra pergunta:

– Estou vendo uma multidão de vultos pretos e horripilantes pairando sobre a terra. Eu reparei que quando passamos no meio deles, fugiram da nossa presença. Parece que têm medo da luz. Quem são estes seres?

Ele me respondeu:

– São os espíritos caídos, apóstatas, que por causa de seu orgulho e rebelião foram expulsos do céu e condenados pelo Todo-poderoso a vagarear no espaço, estando amarrados com as correntes das trevas e guardados para o dia do juízo final. É lhes permitido descer à terra para provar os eleitos e atormentar os ímpios. Hoje são seres horripilantes, mas outrora eram filhos da luz com vestes de luz gloriosa, igual a esta que estou usando. Mas devido ao seu pecado voluntário, perderam o direito de serem filhos da luz, o que os enche de grande ira contra Deus, cujo poder eles temem e detestam.

Perguntei-lhe:

– Diga-me, ó Grande Condutor, estes seres das trevas não têm nenhuma esperança de se reconciliarem com Deus novamente? Depois de algum tempo de exílio e sofrimento, pelo menos alguns deles poderão ser restaurados?

– Esta possibilidade não existe. Estão perdidos eternamente. Veja bem que quando eles pecaram, não havia tentador. É por isso que foram expulsos do céu. Além do mais, o Filho de Deus, o bendito Messias que é a única esperança de salvação, não assumiu a natureza angélica quando veio à terra, mas sim a da semente de Abraão, deixando os anjos caídos sem nenhuma esperança de salvação. Isso explica o porquê da sua grande ira contra os filhos dos homens que podem ser herdeiros do céu, conquanto eles continuam condenados ao inferno.

Já nos encontrávamos muito além do sol, que é muito maior do que a própria terra. Meu condutor explicou que esta grande bola de fogo é uma das grandes obras

Visões do Céu e do Inferno

de Deus. É impressionante como todo o sistema solar é coordenado, como se fosse um relógio gigantesco. Se os meus olhos não tivessem sido fortalecidos antes de embarcar nesta viagem, não poderia ter contemplado as maravilhas do sol e dos planetas, cada um em sua órbita. As grandes bolas de fogo que chamamos de estrelas não são menos maravilhosas. Pelo fato de estarem tão longe da terra, parecem velinhas no espaço. No entanto, cada uma mantém seu lugar no espaço, sustentada apenas pela palavra daquele que a criou.

Eu disse a meu condutor:

– O que já vi é suficiente para convencer qualquer um que o Criador é infinitamente superior ao poder das trevas. Se os homens parassem de olhar para baixo e levantassem seus olhos aos céus, veriam que somente Deus é Todo-poderoso.

O anjo me disse:

– O que você disse é verdade. Mas você verá coisas muito mais maravilhosas do que estas. O que você está vendo agora pode ser comparado aos andaimes em volta do edifício que está sendo construído para todos os benditos, “uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus”. Agora mesmo você verá de relance, pois os mortais não podem ver de perto, a casa que lhe espera no céu.

Dentro de momentos as palavras de meu condutor se cumpriram e vi as casas celestes preparadas para os benditos do Senhor. O que vi não posso descrever, e o que ouvi, minha língua é incapaz de imitar. Aqui o apóstolo João poderia muito bem dizer, como escreveu em sua epístola: “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser”. Quem nunca viu esta glória não tem as mínimas condições de descrevê-la. E quem a viu, não pode contar nem a milésima parte do que viu. Por isso, o grande apóstolo dos gentios conta da vez que foi arrebatado ao paraíso, onde ouviu palavras que o

Além do sol e das estrelas

homem é incapaz de repetir. Ao invés de tentar explicar o que viu, simplesmente disse: “As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam”. A seguir contarei da melhor forma possível aquilo que vi e ouvi, e relatar as conversas que tive com alguns dos santos.

Capítulo III

Elias explica

Fui conduzido a este palácio glorioso no qual vi um exército de seres luminosos, os quais me deram as boas-vindas a esta sede de felicidade. Em suas feições, eu vi a perfeição da alegria e suprema satisfação. Vi também a origem daquela luz perfeita e inacessível que transforma tudo que for atingido por seus raios, inclusive os santos glorificados, que são transparentes. O sol que nós conhecemos não ilumina ninguém naquele lugar. A única luz que existe é aquela transparência onipresente que emana da glória divina. Comparada com esta luz, a luz do sol é escuridão. O brilho dos diamantes mais polidos, o fogo dos carbúnculos, das safiras e rubis, o lustre das pérolas mais valiosas, são brasas frias em comparação com aquela glória. É neste trono da glória de Deus que o resplendor da majestade divina se revela em todo seu fulgor. Deus, exaltado no alto trono da sua glória, recebia a adoração de uma miríade de anjos e santos, cantando aleluias eternas e louvores. Devido ao seu esplendor, era impossível que

Visões do Céu e do Inferno

um ser mortal o enxergasse. Ainda que ele é chamado de Deus da Glória, pois sem a sua presença não poderia haver céu. Ele é a fonte de rios de prazeres que perpetuamente nascem da sua presença divina e irradiam felicidade, gozo e esplendor a todos os habitantes benditos do céu, que é a sua residência e a sede de seu império eterno.

Mesmo depois de fortalecidos meus olhos, ainda eram muito fracos para enxergar os lindos raios deste manancial de luz e glória que estava assentado sobre o trono, de forma que fui obrigado a clamar a meu condutor:

– A minha mortalidade não consegue enxergar a glória daquele que está assentado no trono, e no entanto meu desejo de vê-lo é tão grande que estou disposto a morrer para ter este privilégio durante apenas um momento.

Meu condutor me disse:

– Não! Não! A morte não existe neste lugar bendito. A vida e a imortalidade habitam neste lugar; portanto, o pecado e a tristeza estão banidos para sempre. Uma das glórias deste lugar bendito é a ausência perpétua de todo mal. Se não fosse assim, a felicidade deste lugar não seria completa. Venha comigo e lhe mostrarei um semelhante seu que continua no corpo como você. Podem conversar à vontade e depois voltarei para buscá-lo.

Eu disse:

– Por favor, deixe-me ficar aqui onde as mansões já estão prontas e não será preciso fazer tabernáculos.

Meu condutor luminoso me respondeu:

– Daqui a pouco você virá para morar aqui eternamente, mas até aí é preciso obedecer à vontade divina.

Com a rapidez de um pensamento, ele me conduziu por meio daqueles seres luminosos voadores e me apresentou ao ilustre santo, o grande Elias, que viveu no mundo há muitos séculos. Incrivelmente, só de bater o olho nele, eu o conheci.

Meu condutor dirigiu-se a Elias:

Elias explica

– Este aqui, por decreto daquele que está assentado no trono imperial, recebeu permissão para contemplar os reinos da glória. Eu o trouxe aqui para aprender com você alguns dos segredos da glória e felicidade deste lugar.

O profeta disse:

– Será o meu prazer. Nestas regiões celestiais, a nossa comida e bebida é fazer a vontade de Deus e do Cordeiro, é cantar seus louvores e servi-lo em humilde adoração, dizendo: “Bênção, honra, glória e poder àquele que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro para todo sempre, pois ele nos remiu para Deus com seu sangue, de todas as tribos, línguas, povos e nações, transformando-nos em reis e sacerdotes.” Amém.

Acrescentei o meu amém ao do profeta.

O profeta me perguntou por que me fora concedido o privilégio de visitar o reino celestial (pelo que entendo os santos no céu desconhecem o que está acontecendo na terra; como, então, dirigir orações a estes santos?). Depois de lhe contar tudo que acontecera, o santo profeta exclamou:

– Glória àquele que está assentado no trono, e ao Cordeiro, por sua bondade sempiterna, por seu grandíssimo amor para com o pecador fraco e indigno. Agora, preste atenção ao que vou dizer. Tenho a certeza de que você não conseguirá transmitir aos homens na terra as coisas que já viu e ouviu neste reino. Possivelmente está pensando que meu caso é diferente do dos demais santos, já que não passei pela morte para chegar aqui. Isso é verdade, mas como os anjos do céu que rodeiam o trono, eu não estou mais sujeito ao sofrimento, é como se eu tivesse morrido como qualquer outro ser mortal. No entanto, neste estado de pleno gozo, não posso relatar todas as alegrias do céu, e tampouco conheço todas, pois a felicidade aqui constantemente se renova.

Eu pedi ao profeta bendito que se explicasse melhor. Queria saber como pode haver plena felicidade e ao

Visões do Céu e do Inferno

mesmo tempo estar se renovando. Disse-lhe que na terra, aquilo que é pleno ou completo não pode mais ser renovado. Disse-lhe:

– Espero que você não interprete minhas perguntas como sendo pura curiosidade. Na realidade há coisas que ainda não consegui compreender e gostaria muito de ouvir uma explicação.

– O grande Três-em-Um permitiu que você viesse aqui justamente para sanar suas dúvidas e fortalecer sua fé vacilante. Quanto à sua dúvida de como é possível a alegria ser completa e ao mesmo tempo ser renovada, explico que quando ambos o corpo e a alma são felizes, como é meu caso, para mim isto é plena alegria, pois tenho certeza absoluta de que durante toda a eternidade meu corpo e a minha alma estarão juntos, ressuscitados, neste lugar de felicidade sempiterna. Mas por outro lado, Deus é tão grande, tão magnífico, que nem a eternidade será suficiente para mostrar todos os seus atributos. Visto assim, esta alegria constantemente se renova, isto é, revela novidades.

“Não é por menos que o grande apóstolo dos gentios (que nos dias da sua mortalidade uma vez fez uma visita aqui) afirmou: ‘As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam’. O olho natural vê coisas maravilhosas, como montanhas com pedras preciosas em suas entranhas. No entanto, nada disso no mundo chega perto das glórias neste lugar de triunfo. O ouvido do homem ouve sons harmoniosos, os sons mais lindos que a natureza e os talentos humanos são capazes de produzir, mas nada se compara com as melodias celestiais que os santos e os anjos produzem perante o trono. A mente humana é capaz de compreender muitas coisas na terra, mas sua mente nem começa a compreender aquilo que a Majestade eterna preparou para seus seguidores fiéis”.